

A IMPORTÂNCIA DO APRENDIZADO DA COMUNICAÇÃO EM LIBRAS NO ATENDIMENTO AO DEFICIENTE AUDITIVO EM SERVIÇO DE SAÚDE

Ronney Jorge de Souza Raimundo¹
Thais Alves dos Santos²

RESUMO

Indivíduos com limitação auditiva têm seu processo comunicativo prejudicado. Mesmo amparado por lei, e um país cada vez mais preocupado com a exclusão social, ainda existe a necessidade de mudanças principalmente nas áreas educacionais e de saúde. Procurou-se explorar aspectos da comunicação da enfermeira com os deficientes auditivos. O estudo descritivo foi realizado em hospitais de Brasília mediante entrevistas abertas. Os enfermeiros perceberam que é difícil a comunicação com o deficiente auditivo, embora algumas tenham desempenho satisfatório. Nesse processo, algumas preferiram utilizar tanto a comunicação não verbal, por mímica e leitura labial, como a comunicação verbal oral e escrita. Outras utilizaram o acompanhante, quebrando o sigilo da consulta. Para aperfeiçoar a comunicação, sugere-se o preparo profissional na graduação e cursos de LIBRAS uma vez que pode-se concluir que existe dificuldade da enfermeira em se comunicar com o deficiente auditivo

Palavra chaves: Enfermagem, Deficiência, Surdez.

INTRODUÇÃO

A expressão da pessoa com necessidade especial é usada em referência a portadores de anomalias físicas, psíquicas, fisiológicas, além de outras de difícil caracterização. Por deficiência, de modo geral, se define toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica.

Ao se comparar as pessoas com deficiência física, auditiva e visual, o deficiente auditivo é o que enfrenta maior dificuldade de inclusão na sociedade, porquanto a audição é o sentido essencial para a aquisição e uso da linguagem. Em face da invisibilidade da sua limitação, muitas vezes este deficiente é estigmatizado como revoltado e dissimulado. A privação auditiva se configura como um grave distúrbio neurológico sensorial que afeta a capacidade de comunicação oral e de aprendizagem deste tipo de clientela.

É através deste sentido que comunicamos com o mundo e este se comunica conosco, desenvolvendo assim a nossa identidade, os nossos sentimentos, a compreensão do mundo que está à nossa volta, os vínculos sociais, as interações intra e interpessoais e, não esquecendo, o modo como manifestamos os nossos anseios e necessidades.

Deficiência auditiva, trivialmente conhecida como surdez, ou, por termos técnicos como hipoacusia, consiste na perda parcial ou total da capacidade de ouvir. Esta perda pode ser de nascença ou até mesmo ocasionada por motivos de doenças posteriormente adquiridas.

¹Ronney Jorge de Souza Raimundo - Docente da Faculdade Araguaia. e-mail: ronney.jorge@gmail.com

² Thais Alves dos Santos – Enfermeira (UNIPLAN)

Para os deficientes auditivos as mudanças acontecem quando são aceitos e respeitados em suas diferenças, e o grande marco deste respeito foi a publicação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, pela qual dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), regulamentando a profissão do Intérprete em LIBRAS e dá outras providências no atendimento aos deficientes Auditivos, que é um bom exemplo de valorização das diversidades.

Existem várias maneiras de se comunicar com esse tipo de deficiente. No entanto, cada profissional utiliza a forma que considera mais eficaz no processo de comunicação. Nem sempre, porém, a forma utilizada pelo profissional é a melhor para a comunicação com o deficiente auditivo, pois o deficiente auditivo com surdez severa poderá ficar limitado, conforme o nível de escolaridade, ao uso de gestos isolados e próprios, entendidos exclusivamente no âmbito familiar. A comunicação não verbal refere-se a mensagens enviadas por meio de ações e comportamentos humanos em vez de palavras, utilizados, na maior parte das mensagens enviadas e recebidas, pelas expressões faciais, maneirismos, voz, postura e vestimenta.

O número de surdos no Brasil era de 166.400, sendo 80 mil mulheres e 86.400 homens. Além disso, do total de pessoas surdas, cerca de 900 mil pessoas declararam ter grande dificuldade permanente de ouvir.

O deficiente auditivo, ao procurar um serviço de saúde, encontra como principal barreira a sua comunicação com a equipe de saúde. Por não fazer uso da língua oral, o deficiente auditivo permanece isolado, tendo seus anseios acerca de sua saúde, em geral, prejudicada ou incompleta, no que diz respeito ao tratamento.

O objetivo desta pesquisa é analisar a relação da comunicação entre os profissionais da área de saúde e os deficientes auditivos, verificar as principais dificuldades no atendimento, sobre a forma de inserção do assunto por parte dos gestores públicos, ações para a busca de soluções dos problemas/dificuldades encontradas pelos profissionais de saúde além do interesse dos profissionais de saúde em se capacitarem.

METODOLOGIA

Estudo descritivo exploratório foi realizado através de entrevistas com profissionais enfermeiros da área de saúde pública no Distrito Federal, abordando o primeiro contato com o paciente, no momento da triagem. Analisando as principais dificuldades dos profissionais ao receber um portador de deficiência auditiva, saber se há interesse em realizar

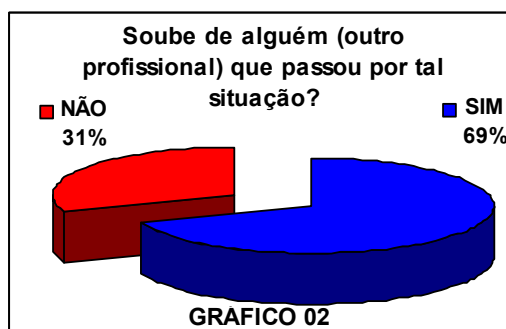
treinamentos/aperfeiçoamento na comunicação com o portador de deficiente auditiva, sob a forma de LIBRAS, com o fito de facilitar a comunicação entre as partes.

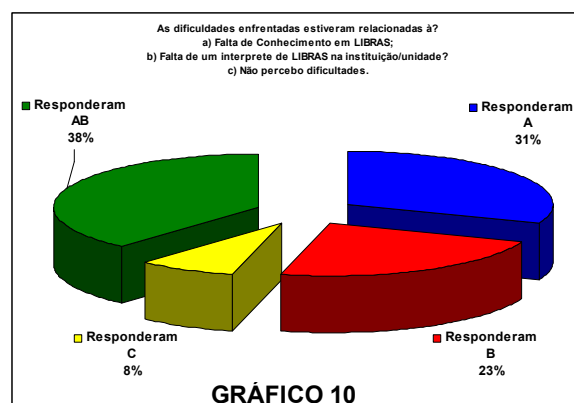
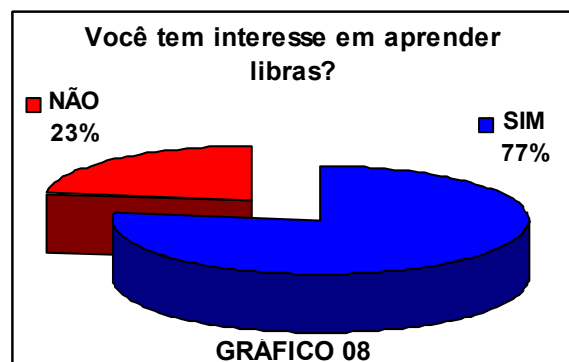
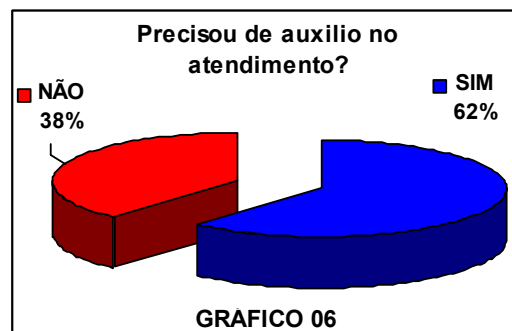
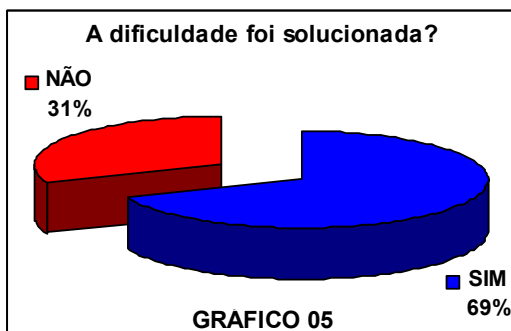
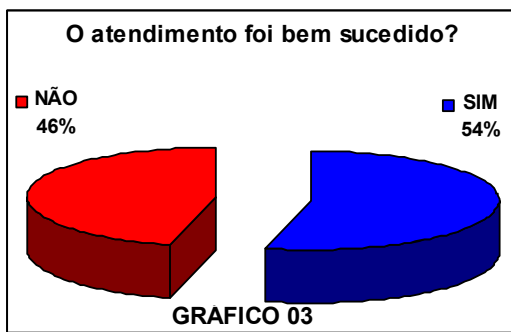
Foram selecionados profissionais enfermeiros que estavam em exercício e trabalho no 1º atendimento ao público/paciente. O âmbito da pesquisa se concentrou no Hospital de Base de Brasília e no Posto de Saúde nº 02 do Recanto das Emas, ambos localizados em Brasília/DF.

Utilizou-se como critério de inclusão na pesquisa os profissionais enfermeiros que possuíam contato no dia-a-dia, diretamente com o cliente/paciente deficiente auditivo e que trabalhavam nos locais indicados para pesquisa. Como critério de exclusão incluiu-se os profissionais enfermeiros que se encontraram em desvio de função e que não possuíam contato direto com o cliente/paciente.

RESULTADOS

Os resultados obtidos nesta pesquisa foram expressos em gráficos, em que os mesmos foram detalhados e elaborados com base em questões pertinentes ao contato direto do profissional de saúde com o cliente/paciente.





DISCUSSÃO

Conforme se sabe, não se pode pensar em atuação profissional sem levar em conta a importância do processo comunicativo inerente à prática assistencial (9). Portanto, quando não há uma comunicação eficaz, não há como auxiliar o paciente a resolver seus problemas e minimizar conflitos.

O trabalho mostrou que existe despreparo dos enfermeiros no domínio do processo de comunicação com deficientes auditivos. Em relação à percepção do processo de comunicação, todas se enquadraram no grupo com dificuldade de comunicação. Os enfermeiros mostraram-se inseguros ao se relacionarem com os surdos por não conhecerem a língua utilizada por eles e pela falta de habilidade em transmitir a informação sobre sua saúde.

Conforme o resultado dos gráficos, podemos constatar que a maioria dos profissionais entrevistados possuíram contato com pacientes surdos ou com grau de surdez, como também, em sua grande maioria, conhece outro profissional que passou por esta situação similar, o que, confirma a necessidade e importância do primeiro atendimento para o sucesso do tratamento. Quanto ao percentual de sucesso no atendimento, foi constatado que houve uma positividade, entretanto, há uma porcentagem considerável de pessoas que não obtiveram o mesmo sucesso.

A grande maioria dos entrevistados respondeu que “durante o atendimento houve algum tipo de dificuldade”, dentre as quais se destaca a identificação e assimilação sobre o problema enfrentado, para que o profissional possa identificar um possível diagnóstico, visando um posterior encaminhamento ao especialista conforme o caso. Constata-se pelos gráficos, que a maioria dos entrevistados sanou suas dificuldades no atendimento ao paciente surdo com o auxílio de métodos primários, com a utilização de papel e caneta, escrevendo e/ou desenhando para se expressar.

Sabe-se que a LIBRAS tem-se integrado a práticas educacionais e a programas destinados a pessoas surdas, permitindo, dessa forma, o estabelecimento efetivo de contatos, total ou parcialmente bloqueados. Demonstra-se, a partir daí, a importância de conhecer essa linguagem para se poder ter uma comunicação efetiva com pacientes deficientes auditivos.

Apesar desse ponto não ter sido mencionado como forma de comunicação, mas apenas como sugestão para uma melhor comunicação, é válido notar que embora a maioria das profissionais não conheçam essa linguagem, elas percebem a sua importância, e demonstram interesse em aprender a LIBRAS para utilizá-la no futuro. Além disso, incluir a LIBRAS na grade curricular de cursos da área da saúde, pelo menos como uma disciplina optativa,

minimizaria o problema e facilitaria o acesso dos deficientes auditivos aos serviços de saúde, garantindo um cuidado eficaz, de acordo com suas necessidades reais.

No hall dos entrevistados fora constatada que, em sua totalidade, não sabe e/ou não tem acesso a Linguagem Brasileira de Sinais – LIBRAS. Constatou-se também que boa parte dos entrevistados possui interesse em aprender a linguagem e que cem por cento dos entrevistados consideram primordial o atendimento aos pacientes surdos, mesmo não esboçando interesse em aprender a linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em observância aos estudos, entrevistas, constatações e pesquisas obtidas na realização deste trabalho que a proporção dos entrevistados que possuíram contato com pacientes surdos, não possuem preparo, tampouco instrução necessária ao atendimento para o encaminhamento à especialidade médica aplicada ao caso concreto.

Para que haja um atendimento digno, com excelência e com o grau de importância no qual o paciente surdo merece, e não se sinta excluído da sociedade, os profissionais de saúde devem se capacitar, e aplicar sua qualificação nas rotinas do dia-a-dia, pois a população de pessoas que possuem algum grau de surdez, seja do menor ao maior grau, vem se ampliando cada dia mais, não sendo mais este um fato isolado e sem conhecimento popular.

A capacitação e a especialização em LIBRAS de servidores e profissionais da área de saúde são de suma importância para a sociedade, uma vez que a qualificação será aplicada nas situações rotineiras. Sabe-se que tais capacitações são oferecidas aos profissionais de saúde da rede pública de forma ampla e gratuita, entretanto os mesmos não esboçam interesse em qualificar-se. Defende-se a idéia de que tais qualificações deveriam ser implementadas de forma sumária, obrigatória e remuneratória aqueles que exercem funções em que envolvam pacientes surdos.

É importante enfatizar ainda que a dificuldade de relacionamento com os deficientes auditivos não é geral, pois alguns profissionais sempre tentam aprender maneiras de relacionar-se eficazmente, no intuito de proporcionar o bem estar e transmitir maior confiança. Essas profissionais evidenciaram seu esforço e a busca pela melhor forma de relacionamento com esse tipo de paciente, porém o sucesso é limitado pela falta de preparo desde a sua formação acadêmica

Como a deficiência auditiva atinge considerável parcela da população mundial, exige-se particular atenção nesse sentido, pois muitos profissionais, independentemente de

estarem ou não preparados, podem se deparar com essa situação. Para enfrentá-la com sucesso, é indispensável o interesse profissional pelo assunto e a adaptação nas grades curriculares de cursos da área da saúde em geral.

Dessa forma, amparado pelo conhecimento e pelo empenho no bem-estar do deficiente auditivo, o profissional poderá concretizar o processo de comunicação e garantir a este deficiente um cuidado eficaz, de acordo com suas necessidades

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLONHINI, JUNIOR RB. Portadores de necessidades especiais: as principais prerrogativas dos portadores de necessidades especiais e a legislação brasileira. São Paulo: ARX; 2004.

BRASIL. Ministério da Justiça. Programa de Ação Mundial para as Pessoas com Deficiência. Brasília: CORDE; 1996.

FONSECA, V. Educação especial: Programa de Estimulação Precoce: uma introdução às idéias de Feuerstein. 2a ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.

FERREIRA, A.B.H. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1998.

CICCONE, M. Comunicação total: introdução , estratégia, a pessoa surda. Rio de Janeiro: Cultura Médica; 1990.

FRANÇA, I.S.X. Formas de sociabilidade e instauração da auteridade: vivência dos portadores de deficiência [tese]. Fortaleza: Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Ceará; 2004.

SKLIAR, C.. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação; 1998.

NOGUEIRA, R.A. , CAETANO, J.A., PAGLIUCA, L.M.F. Interpretação da comunicação não verbal de um grupo de surdos. Rev RENE. 2000;1(1):41-5.

SILVA, M.J.P. Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. 2a ed. São Paulo: Gente; 1996.

STEFANELLI, M.C, CARVALHO, E.C.. A comunicação nos diferentes contextos da enfermagem. Barueri: Manole; 2005.

STEFANELLI, M.C. Comunicação com paciente: teoria e ensino. 2a ed. São Paulo: Robe; 1993.

POLIT, D.F., BECK, C.T., HUNGLER, B.P.. Fundamentos de pesquisa em enfermagem. 5a ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 2004.

PAGLIUCA, L.M.F., FRANÇA, I.S.X, MOURA, E.R.F., CAETANO, J.A., MACEDO,

K.N.F., VASCONCELOS, L.R., *et al.* Acessibilidade da pessoa portadora de deficiência física e/ou sensorial aos serviços de saúde: estudo das condições físicas e de comunicação [relatório de pesquisa]. Fortaleza: Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Ceará; 2004.

PAGLIUCA, L.M.F, *et al.* Aspectos da comunicação da enfermeira com deficiente auditivo. Rev.Esc.Enfermagem USP.2007;41(3):411-8

Recebido em 27 de setembro de 2012.

Aprovado em 28 de dezembro de 2012.